



Programação para lembrar a chegada

As comemorações do centenário da imigração judaica no RS tiveram comitê presidido pelo governador Germano Rigotto, integrado, entre outros, pelo ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer, o jornalista Alberto Dines e a diretora do Theatro São Pedro, Eva Sopher. A programação incluiu homenagens na Câmara Municipal de Porto Alegre e Assembleia Legislativa; lançamento de livros; visita às colônias no interior do Estado; concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre; exposição no Museu de Artes do Estado e reabertura do Museu das Migrações Judaicas junto à Fundação Cultural Marc Chagal.

Nos altos do Baltimore, o Círculo Israelita

O Bom Fim, bairro de efervescência cultural de Porto Alegre, tem muitos lugares que marcaram época e deixaram saudades. No ano passado, um dos símbolos do bairro foi posto abaixo, com a demolição do prédio do antigo Cinema Baltimore, concluída no dia 28 de março. Após muita controvérsia, envolvendo inclusive a Justiça, o prédio, localizado na avenida Osvaldo Aranha, deu lugar a um canteiro de obras. Foi lá, mais precisamente no primeiro andar do Baltimore, que nasceu o Círculo Social Israelita, que mais tarde incorporou-se ao Grêmio Esportivo Israelita, transformando-se na Sociedade Hebraica.

Pouco mais de uma quadra adiante, seguindo-se na direção Centro-bairro, a famosa "esquina do

Bom Fim acolheu os imigrantes

Bairro de Porto Alegre guarda cultura e histórias de famílias vindas da Europa, fugindo de perseguições

Muitas pessoas que transitam diariamente pelo bairro Bom Fim, em Porto Alegre, não imaginam a cultura e a história que o bairro guarda das famílias de imigrantes de judeus que

escolheram aquela área para fixar moradia, desde o final da década de 1920. Alguns caminham ligeiro em frente a prédios que homenageiam personalidades da cultura judaica, ou por locais que levam seus nomes, como o largo José Faibes Lubianca. Hoje, o bairro não lembra o que foi em meados do século passado — a integração dos judeus com outras culturas mudou a imagem, pelo menos em uma visão menos criteriosa. Com olhos interessados, é possível fazer um tour e co-

nhecer o bairro que ainda identifica os judeus. Espalhadas pelo Bom Fim estão quatro sinagogas (templos da religião judaica). A mais antiga delas, a Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense. Além da União Israelita, também existem no bairro as sinagogas do Centro Israelita, o Linat Hatzedeck, o Beit Lubavitcher e a Sociedade Maurício Cardoso, conhecida como Polisher Farband.

Os judeus que moram em Porto Alegre — cerca de dez mil, conforme o presidente da Federação Israelita do RS (Firgs), Abrahão Finkelstein — não se concentram mais apenas no Bom Fim. O bairro foi maciçamente judeu até o final da Segunda Guerra. Mesmo assim, é lá que

está a maior parte das instituições religiosas, associativas e sociais do povo. "Os referenciais dos judeus estão no Bom Fim. Há uma ligação afetiva muito forte", comentou Finkelstein.

Além das sinagogas, há também a Sociedade Hebraica, a Firgs e o Centro Israelita Porto-Alegrense, todos no coração do Bom Fim. Tudo isso em um espaço limitado pelo Parque Farroupilha, tendo como espinha dorsal a avenida Osvaldo Aranha (diplomata alagoense que presidiu na ONU a sessão que assegurou a criação do Estado de Israel em 1947). O Bom Fim se confunde com o bairro Rio Branco, onde há mais uma sinagoga, a Sibra. Dentro desse espaço fica a Escola Estadual Anne Frank, homenagem à menina que escreveu o famoso diário, no qual relatou os dois anos em que passou escondida com a família num sobrado de Amsterdã até ser descoberta, presa e morta, em março de 1945, no campo de concentração de Bergen Belsen. A escola é exemplo de integração: descendentes de judeus, alemães, negros e de outras etnias estudam juntas.



Avenida Osvaldo Aranha no coração do Bom Fim

Finkelstein — não se concentram mais apenas no Bom Fim. O bairro foi maciçamente judeu até o final da Segunda Guerra. Mesmo assim, é lá que

de bairro. Em meados daquela década, os moradores do Bom Fim temiam passar de carro em frente à Lancheria do Parque, na Osvaldo Aranha, em um sábado à noite: manhã era a aglomeração de pessoas vestidas de preto, com os cabelos espetados. Eles deixaram a calçada da Lancheria, como é conhecida, e passaram a se reunir, em número muito menor, do outro lado, em frente ao Mercado Bom Fim.

Quando a comunidade judaica comemora os cem anos da chegada ao Estado, o Bom Fim tem um marco histórico para lembrar a escolha dos antepassados. Em frente ao Mercado Bom Fim, foi erguido um monumento, uma obra de 5,2 metros de altura, criada pelo artista plástico André Venzon.



Homenagem a José Faibes Lubianca



Monumento dos cem anos da colonização

Fedor". O apelido foi dado em função de um bar, localizado na esquina da avenida Osvaldo Aranha com a rua Felipe Camarão, ponto de moradores do bairro, intelectuais, líderes comunitários, personalidades do meio cultural, boêmios, além dos médicos que saíam do plantão no Hospital de Pronto Socorro.

Algumas tradições se mantêm no bairro, como duas *delicatessens* especializadas — uma em produtos para elaboração de pratos típicos e outra de produtos Kasher (com selo de supervisão rabínica).

Muitas modas foram lançadas em Porto Alegre a partir do Bom Fim. Foi o caso dos *punks* que, no final dos anos 80, mudaram seu local de encontro, deixando apenas na memória uma imagem que era típica



Em 1979, o Kadima surgiu como grupo de danças. Transformou-se numa fundação em 1993



As apresentações já ultrapassaram o Estado, chegando ao centro do país, além do exterior

Fundação valoriza o folclore judaico

A Fundação Israelita Brasileira de Arte e Cultura Kadima é o braço cultural da imigração israelita no Rio Grande do Sul. Criada em 1993 pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul, a entidade tem a missão específica de apoiar e divulgar a cultura e o folclore judaicos, valorizando e contribuindo para a criação de grupos que atuem nas diversas formas de expressão cultural — dança, música e teatro. "Também procuramos criar espaços para que as manifestações artísticas possam ser apreciadas pela comunidade judaica e sociedade em geral", explica a diretora e presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Kadima, Ida Lewkowicz Bochernitsan.

Transmitir e preservar, através da dança, os valores, os costumes, a cultura e as tradições judaicas e sua história para as futuras gerações também figuram entre os objetivos da Fundação Kadima. "Temos o Grupo de Danças Kadima que representa a comunidade judaica em diversos eventos", ressaltou Ida, acrescentando que, neste ano, o grupo completará 26 anos de atividades no Estado. Muitos espetáculos ficaram marcados na história da entidade.

O Kadima já se apresentou em Santa Catarina, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Argentina,

Uruguai e Israel. Pelo menos um consta como inesquecível: o 10º Festival Choref (inverno em hebraico) Festival Latino-Americano de Dança Folclórica Israelita. O evento reuniu mais de 600 dançarinos de diversas faixas etárias, de várias cidades do país e do Uruguai, em Porto Alegre.

"Foi um momento ímpar porque propiciou vivências, troca de experiências e aprendizado em torno da dança folclórica israelita", comenta. Os bailarinos, com idades entre 12 e 60 anos, conviveram durante três dias num clima de alegria, festa, integração e descontração culminando com a apresentação para cerca de 2,5 mil espectadores no Salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. "Os dançarinos proporcionaram à plateia uma viagem através da origem do povo judeu", explica.

Os diferentes estilos de dança transmitem parte da história do povo judeu, como seus costumes e tradições milenares. "Lachem", por exemplo, é dançada com os pés descalços e seus passos são rápidos, ágeis e contagiam o público. Simbolizando o contato com a terra, é considerada a típica dança folclórica israelita. Ainda em seu repertório "Shalom", "Gruzini", "Éxodus", "Gozalim", "Rikud" e "Hatsalá".



A MAIOR CREDIBILIDADE POR UM PREÇO INACREDITÁVEL: SÓ R\$ 16,50 MENSAIS.

(R\$ 19,50 NO INTERIOR)